

ONDE/Escola Emilio Garrastazu Médici

Clientela variada

Construído para atender os filhos de petroleiros, o colégio conta hoje com 1.280 alunos de diversos bairros

Há pouco mais de 20 anos, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Extração de Petróleo (Stiep) concedeu um terreno ao governo do estado para a construção de uma escola. O objetivo era atender aos filhos dos petroleiros que moravam no bairro. A Escola Emilio Garrastazu Médici foi inaugurada em

1974 e oferece cursos do pré-primário à 8ª série, nos três turnos. A clientela agora é variada. São moradores dos bairros do Stiep, Costa Azul, Boca do Rio, Pernambués, Itapuã e São Cristovão.

Ao todo, existem 1.280 alunos que ocupam as 12 salas de aula e auditório, que está sendo utilizado por uma das classes, devido à falta de espaço. A Escola Emilio Garrastazu já ofereceu cursos de 2º grau, como Magistério e Contabilidade. Mas, segundo a diretora Maria Estér de Paula Villas-Boas, a escassez de professores não permitiu ao estabelecimento continuar com o ensino profissionalizante. "Passamos todo um ano sem professores de Química, Física etc.", declarou. Maria Estér diz que optou apenas por continuar com o curso de primeiro

grau, "para não jogar no mercado de trabalho profissionais despreparados".

A Escola Emilio Garrastazu é considerada de boa qualidade pelos moradores do bairro. "O corpo docente está comprometido com os alunos, por isso recebemos estudantes de escolas particulares como Nobel, Drummond e outras", diz Maria Estér. A principal dificuldade, segundo a diretora, é a falta de funcionários. Há apenas uma servente para a limpeza do prédio, inclusive das áreas de lazer. A estrutura física da escola também está danificada. A firma contratada durante o governo anterior para fazer a reforma não concluiu a obra. As portas estão soltando e as esquadrias que deveriam ter sido trocadas foram apenas reparadas.

Tranquilidade e muito verde

Apesar do crescimento, o Stiep ainda é um local tranquilo, com ruas arborizadas e pouco movimento de carros. A Rua Gabriel Passos, por exemplo, tem amenidades dos dois lados. As áreas verdes ainda são muitas. Atrás do Parque Residencial dos Bancários, existe uma verdadeira mata. Mas, os assaltos no bairro e constantes acidentes na Rua Arnaldo Lopes Pontes — que dá acesso ao Centro de Convenções através do Vale dos Rios — começam a tornar o bairro um tanto perigoso.

Apesar de a placa indicar que a velocidade máxima no trecho é de 40 quilômetros, os carros só passam em alta velocidade, inclusive nas proximidades da escola Pingo de Gente, onde estuda a maioria das crianças do Vale dos Rios e Parque dos Bancários. Moradores já foram atropelados e houve até mortes. Para amenizar a situação, alguns quebra-mola foram colocados e inexplicavelmente retirados. Passando poucos minutos no pon-

to de ônibus em frente à Rua E, no Conjunto dos Bancários, é possível ouvir a "cantada" dos pneus dos carros quando os motoristas fazem a curva na Lagoa dos Frades.

Perigo — A falta de segurança do bairro é um problema ainda não solucionado. Há apenas um posto policial, localizado em frente ao antigo kartódromo, número insuficiente para atender à comunidade local. Na área das casas e conjuntos não há policiamento. Fala-se até arrombamento de apartamentos e assaltos nos pontos de ônibus, durante o dia.

Segundo os moradores, é comum o roubo de carros, estacionados em frente aos blocos do Parque dos Bancários. Por isso, os moradores fecharam o condomínio e transformaram a área de lazer das crianças em estacionamento. Apesar destes problemas, os moradores gostam do Stiep e não querem sair de lá. "Esta área agora está valorizada", diz Clésia Oliveira.

QUEM/Roberto Sá

Morador conhecido



'Coelho' vive há 22 anos no bairro e é considerado um agitador, tanto pelos punks quanto pelos trabalhadores

Roberto Sá, 28 anos, o "Coelho", é um dos moradores mais conhecidos do Stiep. Ele simplesmente não consegue passar despercebido. Agitado e gesticulando sempre, "Coelho" é um promotor de eventos conhecido tanto pelos punks, que picham os muros das casas do bairro, como

pelos compenetrados petroleiros. Há mais de 22 anos no Stiep, "Coelho" conhece e é conhecido por todos.

Quando é indagado sobre suas atividades, ele responde: "Eu apenas faço escadas pra todo mundo subir, ganhar dinheiro". "Coelho" mistura vários assuntos ao mes-

mo tempo. Manda beijos para todos os Luís — Caldas, Melodia e outros que existirem por aí. Diz que está "Comprando inimigos e vendendo amigos aos montes".

"Coelho" pode ser considerado também um agitador cultural. Ele diz que assumiu a gerência geral do bloco Jóia e promete fazer o carnaval por toda a orla. Ele escreveu a música "Enigma Nagô", com Marquinhos Caldas, irmão de Luís. Desde 82, avisa que está matriculado no curso de História da Universidade Católica de Salvador (UCSal). "Mas, os professores dizem que eu não tenho nota e os alunos dizem que estou louco". Se é verdade, ninguém sabe. Não importa, "Coelho" quer sempre é agitar e conversar, mesmo que poucos entendam.